

Internet e celulares como espaço de risco: a relevância da literacia midiática¹

Maria José Brites², Kárita Cristina Francisco³

Resumo: O uso que as crianças e os jovens fazem da Internet levanta várias questões e dúvidas relativamente aos riscos que essa utilização pode subentender. Apresentação de alguns desses riscos, verificados através dos discursos de 52 pais portugueses, entrevistados com base no questionário do Eurobarômetro nº 248, estudo europeu que apresentava os pais portugueses como dos mais preocupados em relação aos usos que os filhos faziam da Internet e do celular. Os dados do Eurobarômetro levaram a pensar que se fosse aplicada uma outra metodologia, como entrevistas presenciais, os resultados não seriam os mesmos nem as preocupações tão evidentes.

Palavras-chave: Internet; telefone celular; risco

Abstract: The use children and young people make of Internet raises many questions and doubts concerning the risks that such use may imply. In this study, we realize some of these risks, as it could be observed through the discourses of 52 Portuguese parents, who were interviewed based on the Eurobarometer survey nº 248, a study which showed Portuguese parents among the more concerned ones about the uses that children made of Internet and mobile phone. The data of the Eurobarometer has led us to think that if a different methodology were applied, as face to face interviews, the results would not be the same or the concerns would not be so evident.

Keywords: Internet; mobile phones; risk

¹ Agradecemos à Professora Cristina Ponte, pela oportunidade e ensinamentos, e ainda à Ana Cristina Gomes, à Lília Carvalho, à Sónia Lamy, à Ana Jorge e à Sónia Carrilho pela participação na realização das entrevistas.

² Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), CIMJ, ULP. DeGóis:
<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6485778348353353>

³ Mestre em Ciências da Informação (UNB).
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaev.do?id=S659834>

Novas mídias, novos riscos: a importância da aprendizagem

A vida das crianças de hoje em dia é permeada ou por vezes até mesmo definida pelas mídias modernas, como a TV, os jogos de computador, a Internet, o celular. As tecnologias digitais surgiram com um grande potencial para aumentar este contacto com as mídias, no entanto, de uma forma não disponível para todos os jovens (Buckingham, 2007b, p. 75).

A tecnologia da informação moderna transformou dramaticamente a paisagem das mídias e da cultura das mídias na última década, oferecendo um fluxo constante de conteúdo – seja ele conhecimento, comunicação ou entretenimento – em canais tradicionais e novos, como Internet e celulares. Pais, professores e reguladores preocupam-se com a questão da violência e da influência destas novas mídias sobre os jovens e crianças (Carlsson, 2006, p. 11).

Os jovens estão bem mais familiarizados com as novas *mídias*, como a Internet, e com os seus riscos, bem como potencialidades positivas, do que os seus pais. Estes sabem muito pouco sobre os usos que os seus filhos dão a estas novas *mídias* (Carlsson, 2006, p. 283).

Os pais portugueses são os que menos informações têm sobre experiências perigosas e ilegais dos filhos e são os que menos acreditam que os filhos sabem o que fazer quando encontram alguma situação difícil na Internet (Hasebrink *et al*, 2007; Eurobarômetro, 2006).

Estas preocupações centram-se muito nos usos e riscos que as crianças enfrentavam na sua própria casa, no lar. A ideia de que as crianças saíram da rua e se concentraram no espaço casa/quarto (Bovill e Livingstone, 2001; Cardoso, Espanha *et al*, 2001; e Aarsand, 2007) é central nos nossos dias e está muito ligada à forma fácil como se relacionam com as novas tecnologias, em contraposição com os seus pais e avós.

Qual a diferença entre brincar na rua com o skate ou no quarto com o computador? Para além das questões relacionadas com a segurança, que numa

abordagem imediata configuram o espaço exterior como de risco e o da casa como seguro emerge a ideia das sociedades ocidentais de que é importante o conhecimento sobre computadores (os pequenos gênios, sempre mais alfabetizados tecnicamente nesta matéria do que os pais).

Nos países nórdicos, esta idéia está presente nos debates sobre a responsabilidade da sociedade em desenvolver a literacia digital da próxima geração, às escolas é dada a tarefa dar conta da educação e literacia digital dos seus cidadãos” (Aarsand, 2007, p. 236),

em Portugal esta é uma discussão que se começa a levantar, mas que será de grande relevância a médio prazo.

Estudos têm revelado que os pais devem envolver-se num sistema de pedagogia mais do que de proibição, contribuindo de forma ativa e pedagógica para que as crianças se envolvam positivamente e conscientemente com as *mídias* (Hoover e Clark, 2008, p. 117). O uso da Internet torna-se mais problemático em casa, comparativamente com a escola e a casa de amigos, onde estão mais à vontade e mais facilmente podem encontrar conteúdos ilegais (Hasebrink *et al*, 2007, p. 17), daí uma maior necessidade de acompanhamento.

Se há poucos anos os pais, particularmente as mães, eram muitas vezes definidas como “inaptas” para ensinar os seus filhos a mexer nos computadores (sendo as mães quem mais tempo está em casa com os filhos) essa situação agora se torna particularmente relevante (Buckingham, 2002, p. 85), pois já não se coloca apenas ao nível dos computadores, mas também de uma nova ferramenta, a Internet.

Em Portugal também há estudos que apontam que as mães são menos usuárias da Internet (ERC, 2008, p. 138). Os pais que menos sabem manusear a Internet menos ferramentas têm para ajudar os seus próprios filhos em termos de usos seguros. Para além disso “ao mostrar interesse pelo mundo dos seus filhos, os pais podem ajudar a manter os jovens mais seguros na Internet” (Fleming *et al*,

2006, p. 151).

Autores como Fleming *et al* têm referenciado que os jovens, e também as crianças, são vistos como os “gurus” da Internet em casa. Dada a iliteracia dos pais em matéria técnica de usos de Internet, até acham graça às habilidades que os filhos mostram quando usam a Internet, acabando por tolerar melhor a sua ligação à Internet e ao computador do que à televisão. Importa aqui colocar o reverso da medalha: *será que as habilidades técnicas dos mais novos são acompanhadas de uma aprendizagem mais crítica dos conteúdos?*

Reportando-se em questionários realizados com 800 pais e entrevistas e observações participantes em casa com 28 famílias, Buckingham recorda que os pais citavam a educação como a razão para comprar um computador, mas que mostraram ter algumas dúvidas quanto ao fato de os computadores estarem sendo usados para esse propósito inicial (2007, p. 41).

No caso concreto do uso da Internet, os pais tenderam a reconhecer que os filhos utilizavam a Internet mais para entretenimento do que para fins educacionais (2007, p. 43).

Apesar de as famílias no nosso estudo terem bons acessos à Internet, encontramos poucas evidências de uso intensivo de sites educacionais. Havia várias razões para isso acontecer: o fraco conhecimento dos pais sobre os sites existentes; [...] o apelo das crianças para outros usos do computador, como o entretenimento (2007, p. 43).

Por isso, conclui-se que a promessa do uso do computador de casa para fins educativos ainda está longe de ser uma realidade, principalmente por causa dos contextos sociais que as crianças encontram em casa e na escola.

Enquanto alguns pais estão interessados em monitorar as atividades dos filhos no computador – particularmente por causa da ‘segurança’ – poucos passam uma quantidade de tempo considerável colaborando com os seus filhos na utilização de software e ou da Internet” (Buckingham, 2007, p. 41).

O mesmo investigador aponta que o uso do computador de casa está muito

associado ao jogar, ao procurar informação relacionada com hobbies e, cada vez mais, à participação em redes sociais.

Esta lacuna geracional no uso das mídias, que conduz a uma ruptura entre a cultura dos jovens e a cultura da geração dos pais, também se verifica no uso dos celulares. Pesquisas em diversos países apontam essa diferença no conhecimento e na utilização dos celulares e de outras novas tecnologias pelas crianças e jovens e seus pais. Vershinskaya (2002, p. 144) observa em suas pesquisas que os pais utilizam os celulares muito menos ativamente que seus filhos e que, em muitos casos, são os próprios filhos que os ensinam a manusear os celulares.

Fleming et al, depois de terem conduzido um inquérito a 692 jovens australianos entre os 13 e os 16 anos destinado a examinar os usos da Internet e a exposição a matérias inapropriadas, bem como as suas práticas online seguras, chegaram à conclusão de que a Internet está sendo usada pelos jovens na escola e em casa para se manterem socialmente ligados, para fazerem os trabalhos de casa e para se divertirem (Fleming et al, 2006, p. 147).

Ciberbullying

Livingstone e Hardgrave (2006, p. 61) alertam para o fato de a Internet e as comunicações móveis, como o celular, estarem sendo incorporadas nas práticas de *bullying*, assédio e outras formas de comunicação maliciosa entre pares, mas também se questionam se serão estas tecnologias as responsáveis por um aumento de casos.

Dada à dificuldade dos pais em compreender as condições de acesso a estas formas de conteúdo e contato, as implicações para a regulação deveriam resultar de uma responsabilidade da indústria, dos reguladores, dos pais e das crianças no controle do acesso e exposição (2006, p. 62).

Ser jovem vítima de *bullying* está muitas vezes associado a depressões, a

falta de auto-estima e a uma recusa persistente desses jovens a irem à escola, uma vez que os agressores são colegas. O *ciberbullying* também tem revelado resultados semelhantes (Fleming *et al*, 2006, p. 138).

Pornografia

Filmes e imagens que antigamente eram considerados pornográficos, hoje estão acessíveis a todos através de vários canais mediáticos, fazendo da pornografia um elemento da vida do dia-a-dia (Carlsson, 2006, p. 280).

O que é considerado conteúdo pornográfico varia muito de acordo com a região do globo em que nos inserimos. Na União Européia existem documentos que definem a proteção de menores enquanto assunto de interesse público, necessário para que a sua proteção face aos conteúdos prejudiciais seja melhor assegurada (a diretiva Televisão sem Fronteiras, adotada em 1989; o Livro Verde sobre a Proteção de Menores e da Dignidade Humana, de 1997; Plano de Ação da Comunidade para a Promoção de um Uso seguro da Internet, de 1999-2005; Safer Internet Plus, de 2005-2008).

O interesse precoce das crianças pela sexualidade é encarado como um sinal de preocupação. A linha de fronteira entre o ser criança e o ser adulto é em parte definida pelo conhecimento que se tem do sexo. A televisão, o vídeo e a Internet tornaram-se locais de risco, até porque, especialmente no caso da Internet, os pais não têm a mesma literacia digital que os filhos possuem. As garotas são encaradas como potenciais alvos sexuais e consideradas em risco (Jackson e Scott, 1999, p. 99-100).

Nestas matérias, os consensos são poucos e as idéias pouco claras. Um estudo norte-americano (citado por Fleming *et al*) de Turow e Nir sobre a Internet e a família incidindo numa amostra de 1001 pais com 304 filhos de 8 a 17 anos

revelou que mais de 70% dos pais estava preocupado com o fato de os seus filhos poderem dar informação pessoal na Internet e verem conteúdos sexuais explícitos. Contudo, 60% dos pais desse estudo consideravam que as pessoas se preocupavam demasiado com a possibilidade de os seus filhos serem abusados por adultos *online*. Aqui está, sem dúvida, uma contradição de posições.

Numerosos estudos têm evidenciado preocupações que os adultos têm em relação à utilização que os jovens fazem da Internet, focando-se essa preocupação no possível aliciamento por “predadores sexuais” e o efeito que a exposição à pornografia e à sexualidade pode ter nos jovens. Na realidade, também se aponta que a melhor forma de contornar estes riscos é os pais proporcionarem um contexto educativo com os filhos e alertando-os para os riscos de segurança e participando na atividade *online* com os filhos (Fleming *et al*, 2006, p. 136).

Os mais novos tornam-se assim potenciais alvos de aliciamento e sedução (grooming⁴) por parte de adultos. Neste processo de aliciamento, existe uma espécie de jogo de gato e rato em que a vítima umas vezes considera apropriado o comportamento do seu interlocutor e outras vezes não considera. O agressor vai tentando entrar em contato com a vítima e captar a sua atenção, interesse e confiança (Fleming *et al*, 2006, p. 140). As crianças que estão mais disponíveis para dar dados pessoais a desconhecidos através da Internet também são as que mais vulneráveis a estas situações de sedução.

Num inquérito distribuído em escolas da grande Lisboa, verificou-se que as grandes preocupações dos pais quanto ao uso da Internet têm a ver com “uma certa defesa da criança face ao exterior e da preservação de uma certa inocência sexual.

⁴ Segundo o Eurobarómetro nº 248, são “ações tomadas de forma deliberada, com o objetivo de se tornar amigo e estabelecer ligações emocionais à criança, para baixar as defesas de inibição das crianças e, desta forma, preparar terreno para o abuso sexual dessa criança” (2008, p. 22).

Tais preocupações manifestam-se um pouco mais por parte de pais de garotas do que de meninos e aumentam com a idade dos filhos” (ERC, 2008, p. 182 -183).

Pedofilia

A pedofilia tem constituído um dos temas de risco ligados às crianças. As preocupações surgem num contexto “de aumento da ansiedade pública e profissional acerca do abuso sexual de crianças, no qual as noções de risco sexual aumentam o debate público, as políticas públicas e as campanhas de educação das crianças muito ligadas à segurança e relacionadas com o risco” (Jackson e Scott, 1999, p. 88).

Tem-se assistido a uma preocupação cada vez maior sobre os riscos ligados a esta prática, potenciados pelo debate mediático e político, advindo de casos mediáticos ligados a processos de pedofilia em países europeus (Bélgica e Portugal).

“Apesar de estar bem documentado que o risco sexual em crianças está mais associado a conhecidos, é o ‘medo dos desconhecidos’ que faz título [em periódicos], capta a imaginação popular e serve de tema as campanhas educativas” (Jackson e Scott, 1999, p. 93). Muitos dos limites que os adultos impõem às crianças e das negociações pais/filhos sobre limites são enquadradas em termos de “risco” e de necessidade de segurança, designadamente quando falamos de pessoas com quem as crianças podem ou não falar. Esta perspectiva está claramente muito ligada à construção social da infância enquanto uma idade de inocência e de vulnerabilidade, isto, ironicamente, apesar de no cotidiano as crianças também serem consideradas pelos adultos como pequenos demônios (Jackson e Scott, 1999, p. 95). Os pais, porém, olham para as suas crianças, em primeiro lugar, como anjos inocentes.

Pesquisas nacionais: contextualização da realidade

Segundo o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (INE de Fevereiro de 2009) de 2005 a 2008 aumentou a proporção de usuários de computador e de Internet (de 73,5% para 92,7%) entre a população dos 10 aos 15 anos. Nesta mesma faixa etária, houve uma intensificação do uso do celular entre 2007 e 2008 (de 73,3% para 84,6%).

Num outro estudo realizado em Portugal para a Entidade Reguladora da Comunicação (ERC) com crianças dos 9 aos 17 anos, o celular aparece como o segundo meio tecnológico mais transversalmente presente. Entre os jovens dos 15 aos 17 anos observa-se uma grande preferência às mídias que proporcionam mobilidade e mais de 25% deles possuem celular com acesso à Internet, muito próximo do teto atingindo pela geração seguinte (ERC, 2008, p. 188).

Contudo, ao longo de todo o estudo existe um contra-senso nas respostas dos pais ao que acreditam que sejam os usos das mídias pelos filhos e o que de fato essas crianças e jovens realmente fazem com seus aparelhos. Um exemplo é o envio de SMS/MMS, em que apenas 34,7% dos pais acreditam que os filhos utilizem essa função de seus celulares, enquanto que 59,5% dos filhos relatam o envio de SMS/MMS como uma atividade muito frequente (ERC, 2008, p.151).

Em Portugal também há estudos que apontam que as mães são menos usuárias da Internet (ERC, 2008, p. 138) apesar das mudanças que têm ocorrido como o crescente papel da mulher no mercado de trabalho, a mulher/mãe continua relacionada ao espaço doméstico e as habilidades tecnológicas assim como o nível educacional é maior entre os homens/pais.

O baixo nível de literacia e de orientação dos pais para as crianças e jovens pode estar estreitamente relacionado com o baixo nível de literacia e de

escolaridade. De acordo com o Eurobarômetro 2006 a maioria dos adultos portugueses com crianças e usuários de Internet se consideravam nos mais baixos níveis de competências, como iniciantes ou um nível acima (Hasebrink, 2007, p. 82).

Orientações metodológicas

Foram realizadas 52 entrevistas face-a-face a pais com filhos entre os 6 e os 17 anos (como no Eurobarômetro) que utilizam Internet em Portugal (Lisboa, Porto, Portalegre, Vila Real e Santarém). Adaptamos o questionário fechado do Eurobarômetro nº 248 – *Para um uso seguro da Internet por parte das Crianças da EU – a Perspectiva dos Pais* – e fizemos um roteiro de entrevista, para percebermos até que ponto as respostas seriam coincidentes e incidentes numa atitude excessivamente zelosa e centrada no risco por parte dos pais portugueses. Nestas entrevistas presenciais, havia a indicação para seguir as perguntas pré-estabelecidas, embora sem dar qualquer indicação das respostas fechadas existentes no questionário do Eurobarômetro.

Assim, por contraposição ao Eurobarômetro, no qual os dados resultam de um questionário fechado realizado por telefone, nestas entrevistas as perguntas apresentam-se com uma ordem previamente estabelecida e o entrevistado pôde demorar o tempo que quisesse a responder, sem ter qualquer tipo de indução na resposta.

Perfis dos pais em relação aos celulares

Dos 52 pais entrevistados, apenas dois mencionaram alguma preocupação com relação ao celular, um número bastante pequeno se comparado aos dados apresentados pelo Eurobarômetro. Estes números permitem-nos identificar dois

grupos de pais: os preocupados – uma minoria – e a grande maioria de pais despreocupados.

Os pais despreocupados

A leitura das respostas à pergunta “*O que mais o preocupa quando a criança está a usar a Internet ou um celular?*” permite encontrar alguns padrões transversais nas respostas. Os pais associam o risco à Internet e não ao celular. A preocupação existiria caso os filhos utilizassem a Internet pelo celular, mas como grande parte não o faz, não há preocupação. Como nestes exemplos:

“*Com o celular não me preocupo porque ela não usa a Internet lá*” (30-39 anos, ensino médio, pai de uma menina de 13 anos e que usa a Internet todos os dias).

“*Ela não usa a Internet do celular, apenas no computador.*” (40-49 anos, ensino superior, mãe de uma menina de 10 anos e que usa a Internet várias vezes por dia).

“*...com o celular não porque é do mais básico possível, só dá para enviar SMS e fazer chamadas, não tem imagens, não tem Internet, mas quanto ao fornecimento da dados informações, é um risco mas, também não os podemos manter também numa redoma de vidro sem eles terem acesso a essas coisas*” (40-49 anos, ensino médio, pai de uma menina de 9 anos e que usa a Internet todos os dias).

Para Anne Martensen (2007, p. 109) o celular é um objeto de reconhecimento social e de integração entre os amigos e grupos e é, frequentemente, considerado um meio de segurança, pois permite aos pais saberem onde os filhos estão e como estão. Pelas possibilidades de coordenação do dia-a-dia e também por ser utilizado como um canal direto entre pais e filhos, a

maior parte dos pais não o vê como algo ameaçador.

Alguns pais, por sua vez, deixam bastante explícita a não preocupação quanto ao uso do celular:

“Em termos de celular, para já não me preocupa nada. Ele está limitado. Só pode fazer chamadas para três pessoas: para a mãe, para mim e para os avós” (30-39 anos, ensino médio, pai de um menino de 7 anos e que usa a Internet todos os dias).

“O celular não está bloqueado e ele usa mais para mensagens, não liga muito ainda é mais para falar com a família” (40-49 anos, ensino fundamental, pai de um menino de 11 anos, usa a Internet várias vezes por dia).

“O celular ele só usa para falar com a avó. Ainda não liga ao telefone”(30-39 anos, ensino fundamental, pai de um menino de 8 anos e que usa a Internet várias vezes por dia).

“E o telefone também é só para falar com colegas, e as mensagens também” (50-59 anos, ensino fundamental, pai de um menino de 13 anos e que não usa a Internet).

Uma outra mãe diz não se preocupar com o celular apesar da filha já ter sido vítima de propaganda enganosa e ter perdido certo dinheiro por ter aderido a um pacote comercial para ter uma música que gostava.

Somente durante uma vistoria no celular da filha, a mãe percebeu que os créditos estavam a desaparecer e questionou a filha a respeito. A criança contou-lhe o que se passou e a mãe, então, cancelou o pacote.

“Com o celular, não me preocupo, porque não costuma falar, nem mesmo com amigos... A única bobeira que ela fez foi com aquela publicidade na televisão do ursinho... aquela publicidade do Jamba... tinha a musiquinha e ela aderiu. Só que ela pensava que era só a música, mas uma vez que adere, nem tenho a

certeza, mas julgo que era diária... na fiscalização foi apanhada. Lembro-me que ela nessa altura devia ter 17 euros e tinha 3.

Ela disse: ‘Mãe, não estou ligando para ninguém’ e eu: ‘Ana5!’... Começou logo a chorar. Eu disse: ‘Diz à mãe o que se passa, se não disseres não te podemos ajudar’. Ela lá disse a chorar: ‘Aderi ao Jamba para ficar com uma música do ursinho e agora não... porque o dinheiro desaparece...’. Claro, eu estive a ligar para o Jamba e dei-lhes uma descompostura, é uma publicidade enganosa.

Eu disse: ‘Ana, estás a ver, qualquer coisa que aconteça diz à mãe e ao pai, nós não te vamos bater. Se não íamos ver o dinheiro que tinhas, arranjavas cá um problema...’ e ela disse: ‘Eu sei...’. E acho que ela aprendeu a lição” (30-39 anos, ensino fundamental, mãe de uma menina de 11 anos e acessa à Internet várias vezes por semana).

Anne Martensen (2007, p. 109) observa que o celular está muito ligado aos ímpetus consumistas das crianças e dos jovens e recorda que há estudos que evidenciam que entre esta população o celular não costuma ser associado a uma fonte de perigo.

Outros pais, por sua vez, dizem não se preocupar com o celular apesar de não estarem bem certo dos usos que os filhos dão aos seus aparelhos:

“O celular acho que ela usa mesmo só para falar e mandar mensagens aos amigos, aliás, eu até lho tiro quando ela chega a casa, senão passa o dia a mandar mensagens” (40-49 anos, ensino fundamental, mãe de uma menina de 13 anos e que usa a Internet uma vez por semana).

5 Nome fictício

Pais preocupados: tentativa de controle sobre os filhos

Entre as preocupações mencionadas pelos pais em relação aos celulares o risco de contato, ou seja, o contato com estranhos e falta de controle sobre os contatos geridos via celular, é o principal. Ainda, um dos pais disse preferir que a filha utilize o Messenger para conversar com os amigos pois assim não gasta dinheiro nem com o telefone e nem com o celular:

“Sei que joga muito nos jogos online. Também pesquisa pra escola ou dos cantores que gosta. Ah... e claro o Messenger para falar com os amigos, o que até é bom por assim não gasta dinheiro do telefone nem do celular” (30-39 anos, ensino médio, pai de uma menina de 13 anos e que usa a Internet todos os dias)

Uma das manifestações realmente claras de pais que consideram que o celular oferece mais riscos que a Internet é de um entrevistado morador de uma área suburbana do Porto, com uma filha de 13 anos. O pai está certo, de acordo com as informações que a mulher lhe transmite, que a Internet é mais usada pelas filhas para fazerem as tarefas da escola. Desta forma, a Internet, para o pai, não representa risco, mas sim o celular, pois o uso do aparelho não é controlado pela mulher.

“Eu gosto mais que ela, em princípio, esteja mais na Internet do que no celular. O celular é só mensagens, só mensagens e a Internet a minha esposa diz que praticamente são só as coisas da escola. Preocupa-me que ela envia mensagens sei lá bem para quem. É como lhe digo, na Internet sei que está mais nos estudos, mas o celular leva-o para a cama e, às vezes, à 1 ou 2 da manhã ainda está naquilo, a enviar mensagens” (40-49 anos, ensino fundamental, pai de uma menina de 13 anos e que acessa à Internet todos os dias).

“Bem, eu preocupo-me quando ele usa celular, a Internet eu sei que o acompanho, o celular já não... No celular preocupa-me o dinheiro” (30-39 anos,

ensino fundamental, pai de um menino de 10 anos e acessa à Internet com pouca frequência).

Perfis dos pais em relação à Internet: falar com estranhos e sexualidade

O medo do desconhecido, com *quem* e *o quê* está fora do espaço privado da casa é um foco saliente para os pais. O elemento confiança é importante no estabelecimento de relações sociais, neste caso, o desconhecido, o “doido”, o “bandido” são identificativos com carga simbólica negativa. “Os termos mais genéricos, a impersonalização pode [...] acrescentar conotações negativas ou positivas a uma atividade ou ator social” (van Leeuwen, 1997, p. 210).

Neste caso concreto, estamos certamente falando de uma conotação negativa por parte de alguém que é usuário de Internet: *“A minha principal preocupação é que ele não tenha cuidado com quem está do lado de lá. Nunca sabemos quem é, se é ou não de confiança. Desde que temos Internet em casa, como nós nem sempre estamos por perto, acabamos por ter mais receio que eles façam algo que não devam. Tenho mais uma preocupação desde que há Internet”* (40-49 anos, ensino fundamental, pai de um menino de 7 anos e usuário diário da Internet).

Este aliciamento por desconhecidos não surte o mesmo efeito caso não tenha uma resposta positiva por parte do interlocutor criança/jovem. Mesmo tendo consciência disso, os pais manifestam receios pelas reações dos filhos. Neste jogo, o “medo” ainda é um fator de descanso e de controle (como também a verificação/vigilância do histórico) são usados pelos pais:

“O que mais me preocupa são mesmo os outros. Que o aliciem, que ele dê algum contato ou informação pessoal. Acho que é mesmo o mais perigoso. [...] Eu acho que ele compreende e ainda tem medo, o que joga a nosso favor” (30-39 anos, ensino superior, mãe de um menino de 8 anos e outro filho mais velho e que

usa diariamente a Internet).

Apesar de os pais estarem convencidos de que os filhos usam mais a Internet para jogar e para fazer trabalhos escolares, a rede é um espaço de sociabilidade, no qual as crianças e os jovens convivem com outros pares. Embora haja muitos espaços de convívio na Web, estes pais, quando os referiam, centraram-se no Messenger e no Hi5⁶ – talvez por desconhecimento de outros nomes –, sendo este último mais conotado com o risco de insegurança, por estar mais associado a contactos com estranhos:

“No Messenger só fala com pessoas que ele conhece. No Hi5 aceita tudo porque quanto maior o número de amigos mais lhe enche o ego. Aí já o obriguei a apagar alguns elementos que ele não conhecia” (40-49 anos, ensino médio, pai de um menino de 12 anos e usuário diário da Internet).

Embora seja uma situação marginal nas entrevistas, também houve casos em que os filhos não tinham acesso à Internet em casa. Uma mãe que não tinha Internet em casa ia com a filha a um cybercafé, especialmente em épocas de férias, e ficava ao pé dela para ver quem é que ela adicionava na sua página. Esta não é uma situação comum, uma vez que o espaço de casa, por vezes o quarto é que são os repositórios dos objetos mais ligados às crianças e às suas necessidades educativas.

“É assim... Como já disse, não quero que ela fale com pessoas que não conhece... esta é a maior preocupação. Sabendo que no Hi5 pode contactar com outras pessoas, isso me preocupa” (30-39 anos, ensino fundamental, mãe de uma menina de 15 anos e que quase nunca usa a Internet).

Nestas entrevistas, alguns pais também disseram que optavam por colocar o

⁶ Hi5 é uma rede social em Portugal muito semelhante ao Orkut no Brasil em que os maiores usuários são os mais novos.

computador num espaço visível e comum da casa para melhor poderem controlar os acessos à Internet: *“O que mais me preocupa é... como é que hei de dizer... se ele um dia vai a sites menos educativos, mais perigosos, até hoje ainda não me apercebi que ele o fizesse, ainda não tive conhecimento que ele o fizesse, e como está num sítio público da casa... a que todos têm acesso... não me parece que seja preocupante”* (40-49 anos, ensino fundamental, mãe de um menino de 16 anos e que diariamente usa a Internet).

Em relação à sexualidade evidenciada, sobretudo, com os receios de serem vítimas de sedução, de verem imagens de sexo na Internet e de acessar a sites não adequados, vamos incidir para já num tema mais particular, a *pedofilia*.

Entre os sete pais que responderam ter medo que os filhos fossem em concreto vítimas de sedução por parte de pedófilos, cinco tinham meninos e só dois tinham meninas.

No que concerne à pedofilia, destaca-se o fato de esta não ser uma preocupação revelada pelos pais com o ensino médio, tendo sido manifestada apenas uma vez entre os que têm ensino superior e seis vezes entre os que têm o ensino fundamental, apontando mais uma vez que os pais mais preocupados são os que têm menos escolaridade.

Entre os sete pais que se preocupam com o fato de o filho ser “vítima de sedução, por parte de pedófilos”, a faixa etária onde se manifestam mais preocupações dos filhos é a do início da adolescência (11-14 anos), coincidindo com a descoberta da sexualidade e da vontade de descobrir.

Contudo, para além da identificação concreta da pedofilia, é de notar as associações de cunho sexual.

A entrada na puberdade é fator de preocupação para estes pais. Há uma identificação física qualificativa e identificativa de um gênero, o feminino neste

caso, potencialmente alvo de ações impróprias, estando implícitos os atos de cunho sexual.

Esta carga implícita dos medos do sexo e dos seus efeitos ou sequelas, embora nem sempre referenciados de forma concreta, como no medo da visualização das imagens com sexo e nas associações negativas à pedofilia, manifesta-se de forma velada. Expressões como *as meninas mostrarem fotografias suas e terem 13 anos, uma idade em que estão a entrar na puberdade, a meio caminho para serem adultas* revelam o medo das atividades sexuais num modo implícito no discurso.

A identificação física também comum e revela-se qualificativa, mesmo com a ausência de nome (van Leeuwen, 1997, p. 206).

“Ah, há sempre uma preocupação não é? Pois a gente não sabe... Eu não percebo nada disso e depois ouvi dizer por aí que é perigoso, as meninas mostrarem fotografias, mostrarem essas coisas, é sempre perigoso. E a gente ouve sempre muita coisa, não é? A gente tem medo” (30-39 anos, ensino fundamental, mãe de uma menina de 12 anos e que não utiliza a Internet).

“Preocupa-me exatamente o fato de ela ter 13 anos, preocupa-me o fato de ela poder ter a ilusão de querer conhecer. Isso é o que me preocupa.” (40-49 anos, ensino fundamental, mãe de uma menina de 13 anos e de um menino mais velho e que usa a Internet algumas vezes por mês).

O que pode contrapor esta espécie de *pânico contra desconhecidos* em matérias sexuais é o fato de muitas vezes as famílias recusarem a idéia, que tem sido confirmada pelas estatísticas, de que é nos contextos de conhecimento mútuo e privados que se encontram os abusadores.

“...Mas o que me preocupa é toda esta questão da pedofilia. Por isso é que o proíbo de aceitar nas páginas dele pessoas que não conhece. Mas acho que é a

pedofilia que mais me preocupa” (40-49 anos, ensino fundamental, pai de um menino de 11 anos e usuário diário da Internet).

Mesmo nos pais que são mais conhecedores do funcionamento da Internet manifestam os seus receios face à ligação possível entre Internet e sexualidade e entre Internet e pedofilia e reconhecem que os filhos sabem muito mais do que eles.

“Ao contrário de nós eles já nasceram nesta era digital e da informática. E há momentos em que nós não estamos com eles. Por muito controle que haja, ela vai crescendo e querendo descobrir coisas novas e pode ir para sites menos apropriados. E falamos dos sites de pornografias, de pedófilas” (30-39 anos, ensino superior, mãe de um menino de 11 anos e usuária diária da Internet).

Subentende-se desde logo dois mundos distintos: *nós*, os pais/adultos que não estão muito familiarizados com o mundo da Internet, mesmo neste caso em que estamos perante uma usuária diária; *eles*, os filhos que dominam a era atual das comunicações digitais, mas que ainda assim precisam de um acompanhamento adulto. Esta polarização grupal entre *nós* e *eles* (Van Dijk, 2005, p. 217; van Leeuwen, 1997, p. 218) é uma marca das diferenças acentuadas entre pais e filhos em matéria de acesso e compreensão da Internet. Esta mãe aborda também a questão da idade, *quanto mais velhos, maior a preocupação*, e também dois dos mais fortes elementos de risco: o sexo e a pedofilia.

Esta mãe, numa outra resposta sobre as ações públicas que podem contribuir para diminuir os riscos da Internet, mostra-se coerente com esta posição indicando que os pais podem ajudar a contornar os riscos por via do diálogo na esfera privada: *“Nós também tentamos dizer que às vezes as coisas parecem muito inocentes, mas depois levam a caminhos mais obscuros. Para mim isto também é um mecanismo de proteção. Alertar o P para as realidades que existem mais negras à volta da Internet. Isto também protege o usuário e não apenas a*

máquina”.

Os irmãos mais velhos são também muito importantes nesta área da segurança que os pais querem proporcionar e fazer com que os filhos a tenham na Internet. Muitas vezes é o filho mais velho o suporte e o garante da segurança nos usos da Internet. Aos mais velhos é dada a tarefa e a responsabilidade de zelar pela segurança dos mais novos.

“Eu tenho muita confiança no outro meu filho mais velho e ele está no outro computador ao lado, vai vendo o que ele está a fazer... não que eu tenha muita confiança nesse de 16, porque ele é muito infantil, mas como está lá o irmão mais velho” (40-49 anos, mãe de um menino de 16 anos [tem outro filho mais velho], tem o ensino fundamental e não utiliza a Internet).

Comparações de resultados: Eurobarômetro e entrevistas face-a-face

- Celular

Para Portugal, o Eurobarômetro aponta uma posse de celulares pelas crianças e adolescentes na franja etária pesquisada (6 aos 17 anos) de 60%. Nas entrevistas realizadas face-a-face pela equipe de pesquisadoras portuguesas a posse de celulares foi maior, em torno de 80%.

Apesar da posse dos celulares ter sido maior nas entrevistas face-a-face, o grau de preocupação dos pais referentes ao uso dos celulares pelos filhos foi menor ou inexistente em todos os aspectos se comparados ao Eurobarômetro. Enquanto nas questões referentes aos celulares e a preocupação dos pais no Eurobarômetro apontavam para altos índices de preocupação, nas entrevistas da equipe nacional esses números não ultrapassavam os 5%. Como exemplo temos:

- O Eurobarômetro apresenta 74% dos pais como preocupados que a criança

possa ver imagens explícitas de violência ou de cunho sexual no celular; já na pesquisa nacional estes itens não foram mencionados.

- Também a pesquisa europeia apresenta 75% dos pais portugueses como preocupados com a possibilidade dos filhos sofrerem *bullying* via celular. Em nossas entrevistas, esta questão não foi verificada.

Contudo, na pesquisa nacional, alguns pais de fato se referiram a preocupação que seus filhos tenham contato com estranhos através do celular, mas este aspecto não foi levantado no Eurobarômetro. Ainda foram referidas nas entrevistas face-a-face a preocupação dos pais com o não controle que existe no uso dos celulares pelas crianças e jovens, como por exemplo, com quem estão falando, o que estão escrevendo e os gastos que têm.

- Internet

Relativamente ao fornecimento de informação pessoal e privada, os pais mais receosos foram precisamente os Portugueses, com 77% a mostrarem-se muito preocupados e preocupados (2008, p. 27). No nosso estudo, apenas 9% mostram estar preocupados com o fornecimento de informação pessoal e privada, mais uma vez um valor muito abaixo dos dados do Eurobarômetro. Quanto à possibilidade dos filhos serem vítimas de sedução online, no Eurobarômetro 89% dos portugueses mostraram preocupações acentuadas pela possibilidade de os filhos serem vítimas de sedução online. No nosso estudo, esta preocupação foi identificada por 9% dos entrevistados em ligação à pedofilia.

“Acesse a sites não adequados” tem 12% e “Estranhos tentem comunicar ou fale com desconhecidos” tem 31% (no nosso estudo, este é o maior receio), sendo que nos discursos estas duas possibilidades de resposta estão ligadas aos medos dos pais em relação ao sexo, mas não se centram sempre e em específico na

sexualidade, mas que subentendem a sexualidade.

Deste modo, podemos observar que somando estas variáveis, o medo da sedução e do sexo, no geral, está muito abaixo dos valores do Eurobarômetro, mas acima dos 50%.

- *As duas tecnologias*

Para além destes dados anteriores que são os mais relevantes em termos de risco no nosso estudo, de acordo com o Eurobarômetro, 81% dos pais portugueses se dizem preocupados com a possibilidade dos filhos acessarem informação sobre automutilação, suicídio e anorexia, tanto pela Internet como pelos celulares. Na pesquisa nacional essas preocupações não foram referidas pelos pais.

O Eurobarômetro apresenta 74% dos pais como preocupados que a criança possa ver imagens explícitas de violência ou de caráter sexual no celular; já na pesquisa nacional estes itens não foram mencionados.

Notas conclusivas

Apesar de alguns pais entrevistados manifestarem preocupações pela segurança dos filhos pelo uso dos celulares e, sobretudo, da Internet, esses níveis de preocupação estão marcadamente distantes dos níveis de preocupação tão elevados identificados pelo Eurobarômetro. A análise qualitativa dá conta de percentagens de preocupação muito mais baixas. Ainda, no que diz respeito aos celulares os pais demonstram uma preocupação com os riscos de contato e não com os riscos referentes aos conteúdos.

Os desconhecidos são identificados de forma negativa: “doido”, “bandido”. Mantém-se aqui a linha de pensamento de que o contexto privado é seguro e o

exterior traz o perigo.

Já entre os pais que se preocuparam com riscos de pedofilia online, os filhos encontram-se, sobretudo, na faixa do início da adolescência: 11-14 anos. Estes dois últimos resultados apontam para o aumento dos medos por parte dos pais, à medida que os filhos crescem, à medida que perdem a inocência e mais entram em contato com o mundo externo.

O celular está bem integrado no espaço afetivo familiar e, nas respostas dos pais entrevistados, serve para pôr os filhos em contato com familiares mais chegados, sendo encarado como um objeto de integração social. O celular não suscita as preocupações que a Internet pressupõe para os pais entrevistados. Por isso mesmo, a decisão de dar um celular a uma criança é uma questão que se coloca bastante cedo.

O celular para além de ser um objeto de inclusão social é também um objeto friendly no seio da própria família, já faz parte dos objetos habituais de uma casa. Serve para cimentar e promover identificações relacionais. “A identificação relacional representa os atores sociais em termos da relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si, e realiza-se através de um conjunto fechado de substantivos” (van Leeuwen, 1997, p. 2004), como seja amigo, tio, colega, família, avó, o filho/irmão mais velho ou primo.

Relativamente aos pais que não têm preocupações, é interessante verificar que são majoritariamente os que têm filhos menores, entre os 6 e os 9 anos de idade. Têm o discurso da inocência da infância em contraposição ao que poderá acontecer na fase da juventude, por norma mais ligada ao risco e às descobertas, designadamente da sexualidade, neste caso tendo em conta as respostas dos pais preocupados com pedofilia.

Apuramos, ainda, por oposição ao Eurobarômetro, que as preocupações de

conteúdo sexual no celular, com isolamento social por causa de tempo gasto online, com a informação sobre automutilação, suicídio e anorexia e com o bullying tiveram uma percentagem de 0%, não fazendo parte do grupo dos riscos.

Os dados do Eurobarômetro são claramente potenciados e condicionados pelas respostas que eram propostas no questionário fechado e acabaram por mostrar uma realidade que não deveria ser tão potenciada. Contudo, estes dados, em parte relativizados pelo nosso estudo, mostram claramente que é preciso criar mais pontos de confluência entre acessos e usos de celular, mas, sobretudo da Internet. Isso só poderá ser potenciado por uma aposta na aproximação de saberes técnicos e da vida cotidiana que filhos e pais podem partilhar, isto sem esquecer, claro, a importância que as políticas públicas de literacia para as mídias devem ter.

Carlsson (2006, p. 18) pontua que há uma necessidade de desenvolver novas habilidades e competências que torne os usuários e consumidores “alfabetizados informacionais” e que tanto os jovens quanto os pais e os adultos em torno deles necessitam adquirir essas competências. A autora lembra que algumas pesquisas indicam que muitos pais não têm idéia de como suas crianças usam as mídias, ou o que as novas mídias disponibilizam para seus filhos. Além disso, os jovens interpretam o conteúdo das mídias em molduras de referência que diferem da experiência dos adultos mais que em qualquer época.

Num mundo mediatizado como o que vivemos, as tecnologias são, à escala global, encaradas ora como Deus ora como o Diabo. Talvez a opção mais sensata, em diferentes contextos, seja optar por uma terceira via, a da conciliação, na qual diferentes gerações saem a ganhar se trocaram ideias e experiências.

Para além desta discussão sobre os usos da internet e do celular, é também importante deixar aberta a reflexão sobre as opções metodológicas, sobre a importância de cruzar técnicas e sobre a necessidade de aprofundar conhecimento com o uso de qualitativas. As audiências são cada vez mais fragmentárias no

sentido dos usos e das participações, por isso mesmo consideramos que as metodologias que as confrontam de forma qualitativa e as impelem a refletir, inclusive fazendo com que se sintam parte ativa, podem ajudar a melhor perceber contextos, opções e experiências.

Referências

- AARSAND, Pål André. "Computer and Video Games in Family Life: The digital divide as a resource in intergenerational interactions". In *Childhood* (14,2,235). Los Angeles, Londres, Nova Deli e Singapura: SAGE Publications, 2007.
- BOVILL, Moira e LIVINGSTONE, Sonia. *Bedroom culture and the privatization of media use. Children and their changing media environment: a European comparative study*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- BUCKINGHAM, David. *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- _____. The Electronic Generation? Children and New Media?. In *The Handbook of New Media*, ed. Leah Lievrouw e Sonia Livingstone. SAGE Publications, 2002.
- _____. That's Edutainment. New Media, Marketing and Education at Home. In *Children, Media and Consumption – Yearbook 2007*, ed. Karin M. Ekstrom e Brigitte Tufte, Gotemburgo, Nordicom, 2007.
- _____. *Beyond Technology: Children's Learning in the Age of Digital Media*. Cambridge: Polity Press, 2007b.
- CARDOSO, Gustavo; ESPANHA, Rita, et al.. Dinâmica familiar e interação em torno dos media: a autonomia dos jovens, autoridade e controlo parental sobre os media em Portugal. In *Comunicação e Sociedade* (Cidadania e Literacias Mediáticas).CECS: Braga. v. 13, 2001.
- CARLSSON, Ulla. Violence and Pornography in the Media. Public Views on the Influence Media Violence and Pornography Exert on Young People. In *In The Service of Young People? – Yearbook 2005/2006*, ed. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen, Gotemburgo, Nordicom, 2006.
- CARLSSON, Ulla. Young People and Harmful Media Content in the Digital Age. In *Regulation, Awareness, Empowerment – Yearbook 2005/2006*, ed. Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen, Gotemburgo: Nordicom, 2006.

- DEACON, D., PICKERING, M., GOLDING, P., & MURDOCK, G. *Researching Communications*. Londres: Arnold, 2002.
- ERC. Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social (versão pdf). Lisboa: Entidade Reguladora da Comunicação Social, 2008.
- Eurobarometer nº 248 - Towards a safer use of the Internet for children in the EU – a parents’ perspective, 2008.
- Eurobarômetro Especial nº 250 - *Safer Internet, Special Eurobarometer*, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In *Análise Crítica do Discurso org.* Emília Ribeiro Pedro. Lisboa: Caminho, 1998.
- FLEMING, Michele J. *et al* . Safety in Cyberspace: Adolescent’s Safety and Expusure *Online*. In *Youth and Society* (v38, nº2 Dez.). Thousand Oaks, Londres e Nova Deli: Sage Publications, 2006.
- FONTANA, Andrea e FREY, James H. Interviewing: The Art of Science. In *Handbook of Qualitative Research*, ed. Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln. Califórnia, Londres e Nova Deli, SAGE Publications, 1994.
- HASEBRINK, Uwe *et al*. *Comparing Children’s Online activities and Risks across Europe*. Relatório preliminar do projecto Eu Kids Online, 2007.
- HOOVER, Stewart M. e CLARK, Lynn Schofield. Children and Media In the Context of the Home and the Family. In *The International Handbook of Children, Media and Culture*, ed. Kirsten Drotner e Sonia Livingstone. Los Angeles, Londres, Nova Deli e Singapura, SAGE Publications, 2007.
- INE. Inquérito à *Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias: Indivíduos dos 10 aos 15 anos*. Lisboa: 2009.
- JACKSON, Stevi e SCOTT, Sue. Risk Anxiety and Social Construction of Childhood. In *Risk and Sociological Theory*, edt. Deborah Lupton. Cambridge: University Press, 1999.
- LING, Rich. *The adoption of mobile telephony among Norwegian teens*. Telenor R&D, 2000.
- LIVINGSTONE, Sonia e HARDGRAVE, Andrea Millwood. *Harmful to Children? – Yearbook 2005/2006*, edt. Ulla Carlsson e Cecília von Feilitzen, Gotemburgo: Nordicom, 2006.
- LOBE, B., LIVINGSTONE, S., OLAFSSON, K. e SIMÕES, J.A.. *Best Practice Research Guide: How to research children and online technologies in comparative perspective*. Londres: EU Kids Online, 2008.
- MARTENSEN, Anne. Mobile Phones and Tweens’ Needs, Motivations and Values.

-
- Segmentation Based on Means-end Chains. In *Children, Media and Consumption – Yearbook 2007*, ed. Karin M. Ekstrom e Brigitte Tufte, Gotemburgo: Nordicom, 2007.
- NEGRINE, Ralph e NEWBOLD, Newbold. Media Audiences: Survey Research. In *Mass Communication Research Methods* (pp. 9-34), A. Hansen, S. Cottle, R. Negrine & C. Newbold (Eds.). London: Palgrave, 2003.
- PONTE, Cristina. *Notícias e Silêncios*. Porto: Porto Editora, 2004.
- SCHRODER, K., DROTNER, K., STEPHEN, K., & MURRAY, C. *Researching Audiences*. London: Arnold, 2003.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso, Notícia e Ideologia*. Porto: Campo das Letras, 2005.
- _____. *La Noticia como Discurso – Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.
- VAN LEEUVEN, Theo. A representação dos actores sociais. In *Análise Crítica do Discurso org.* Emília Ribeiro Pedro. Lisboa: Caminho, 1997.
- VERSHINSKAYA, Olga. Mobile Communication. Use of Mobile Phones as a Social Phenomenon – The Russian Experience. *Revista de Estudios de Juventud*. Madrid, 2002.